

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA

FSL0526 | ESTÁGIO SUPERVISIONADO PARA AS CIÊNCIAS SOCIAIS

Explorando Aprendizados em Sociologia no Ensino Médio

Produção do Conhecimento em Ciências Sociais

Henrique **Hernandes**
Pedro **Borda**

São Paulo, 2023

REPERTÓRIO DIDÁTICO

Título: Explorando Aprendizados de Sociologia no Ensino Médio: Produção do Conhecimento em Ciências Sociais

Autores: Henrique Assi Hernandez e Pedro Borda

Objeto de Conhecimento: Produção do Conhecimento em Ciências Sociais; Métodos e Técnicas de Pesquisa; Ciência e Senso Comum; trajetórias de vida de cientistas sociais brasileiros/as e seus conceitos.

Conteúdo: Módulo 1) do senso comum ao método científico: por que as ciências sociais têm coisas relevantes a dizer?; Módulo 2) a pesquisa (social) nas ciências sociais: abordagens qualitativas e quantitativas; Módulo 3) produzir conhecimento em ciências sociais como trajetória de vida: discutindo trajetórias de cientistas sociais brasileiras/os

Objetivos: instigar modos de incluir discussões sobre a validade dos métodos de pesquisa em ciências sociais no próprio conteúdo de sociologia ensinado na educação básica; promover a interdisciplinaridade; desestabilizar noções de senso comum sobre o que é a ciência; estimular estudantes a se envolverem mais seriamente com o campo das ciências sociais.

Duração: Propomos que a discussão sobre produção do conhecimento nas ciências sociais seja desenvolvida modularmente em 6 aulas. Uma aula introdutória, três aulas expositivas (uma para cada módulo, acompanhando leituras e exercícios do presente material apostilado), uma aula de debate e uma aula de exposição dos trabalhos finais.

Metodologia: A metodologia que ampara o desenvolvimento deste repertório didático consiste em aulas expositivas dialogadas, questionar os/as estudantes quanto a suas concepções de ciência, utilizar recursos audiovisuais, realizar discussões interdisciplinares, (o/a estudante) realizar atividades e projetos relacionados ao tema.

Recursos necessários: O pleno desenvolvimento das atividades e discussões aqui propostas depende de: estudantes terem acesso ao material apostilado, estudantes terem acesso à internet para que possam conduzir pesquisas e confeccionar o trabalho final, o docente ter acesso a recursos audiovisuais para projetar materiais de apoio em aula. Para o trabalho final, estudantes devem ter acesso a recursos de papelaria para produzir os cartazes.

Roteiro: Textos de suporte para os/as estudantes estão todos incorporados no material apostilado apresentado aqui. Textos de suporte para o/a docente estão incorporados no texto teórico que sustenta este repertório didático.

Avaliação: A avaliação pode ser conduzida a partir dos critérios de: participação em aula; realização das atividades da apostila; participação no debate; entrega e adequação do trabalho final.

Bibliografia: ALVAREZ, Marcos et al. Revisitando a noção de autoritarismo socialmente implantado: Entrevista com Paulo Sérgio Pinheiro. *Tempo Social*, São Paulo, v. 33, n. 3, 2021; DURKHEIM, Émile. *As Regras do Método Sociológico*. São Paulo: Martins Fontes, 2007; GROSSI, Maria Stela. A violência, entre práticas e representações sociais: uma trajetória de pesquisa. *Sociedade & Estado*, v. 30, n. 1, 2015; MILLS, Charles Wright. *A Imaginação Sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982; MUNANGA, Kabengele. Uma Abordagem Conceitual das Noções de Raça, Racismo, Identidade e Etnia. Palestra proferida no 3º Seminário Nacional Relações Raciais e Educação, 2003; LATOUR, Bruno. When things strike back: a possible contribution of 'science studies' to the social sciences. *British Journal of Sociology*, Londres, v. 51, n. 1, 2000; WEBER, Max. O sentido da 'neutralidade axiológica' nas ciências sociais e econômicas. In: *Metodologia das ciências sociais (parte 2)*. São Paulo: Cortez, 2001.; FERNANDES, Florestan. *A reconstrução da realidade nas ciências sociais*. In _____. *Fundamentos empíricos da explicação sociológica*. São Paulo: Editora Nacional, 1972.; SALLAS, Ana. Bionota de Maria Stella Grossi Porto. *Sociedade Brasileira de Sociologia - Bionotas*. 2023; JAIME, Pedro & LIMA, Ari. Da África ao Brasil: entrevista com o Prof. Kabengele Munanga. *Revista De Antropologia*, 56(1), 507-551, 2013.

Introdução

Olá! Neste material queremos conduzir uma discussão fundamental não apenas para o melhor aproveitamento das aulas de sociologia, mas também para enriquecer a compreensão acerca da produção do conhecimento nas ciências sociais. Para muitas pessoas, o primeiro contato com essa estranha palavra "sociologia" é na grade curricular do colégio: uma disciplina como qualquer outra, e mais uma prova para fazer! Para alguns, talvez seja difícil entender o propósito da disciplina, "é impressão minha ou a gente já falou dessas coisas nas aulas de história, de geografia e de filosofia?". Para outros, a aula de sociologia represente, talvez, um momento bacana de debates, compartilhamento de opiniões e percepções sobre a sociedade contemporânea. Nem uma, nem outra posição estão em completo engano, pois, de fato, a sociologia (e as ciências sociais) compartilha com a história, com a geografia e com a filosofia o fato de ser uma área do conhecimento que compõe o contexto mais amplo das humanidades e ciências humanas - e isso implica certo grau de diálogo e partilha de temas, questões, inquietações, trajetórias, etc. Além disso, também é verdade que as aulas de sociologia podem, sim, converter-se em espaços privilegiados de debate sobre questões da contemporaneidade. Todavia, tais constatações ignoram completamente o fato de que a sociologia (bem como as outras disciplinas citadas) não é apenas "mais uma disciplina escolar", pois as ciências sociais constituem uma área do conhecimento dinâmica e específica, a partir da qual as pessoas podem efetivamente construir suas trajetórias de vida e tornarem-se sociólogas, antropólogas ou cientistas políticas.

É com isso em mente que tencionamos, por meio deste texto, conduzir um debate a respeito da produção de conhecimento nas ciências sociais, enfatizando como a sociologia, a antropologia e a ciência política constituem-se enquanto formas relevantes de produção de conhecimento científico sobre a sociedade e sobre as relações e interações sociais que estabelecemos uns com os outros. Se, após o perfazimento das discussões e dinâmicas aqui propostas, conseguirmos inspirar pelo menos um/a estudante a trilhar o caminho das ciências sociais, teremos cumprido nosso propósito.

Como você já deve saber, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um dos mais importantes documentos de orientação e organização dos conteúdos e conhecimentos trabalhados em aula, e é nela que encontramos a justificativa de desenvolver a discussão aqui proposta: a BNCC nos mostra que uma das competências a serem trabalhadas pelas ciências humanas e sociais aplicadas no ensino médio é:

"Analisar processos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais nos âmbitos local, regional, nacional e mundial em diferentes tempos, a partir de procedimentos epistemológicos e científicos, de modo a compreender e posicionar-se criticamente com relação a esses processos e às possíveis relações entre eles" (1)

Ademais, ela prevê o desenvolvimento de habilidades relativas a pensar criticamente sobre fenômenos sociais e a empregar conceitos para compreender esses fenômenos. De maneira mais explícita, ela nos diz que é esperado dos estudantes:

“Elaborar hipóteses, selecionar evidências e compor argumentos relativos a processos políticos, econômicos, sociais, ambientais, culturais e epistemológicos, com base na sistematização de dados e informações de natureza qualitativa e quantitativa (expressões artísticas, textos filosóficos e sociológicos, documentos históricos, gráficos, mapas, tabelas etc.)” (2)

Assim, se faz evidente que, para que se cultive tais competências e habilidades, é de suma importância desenvolver em sala de aula discussões e dinâmicas que estejam voltadas, precisamente, para a temática de como as ciências sociais operam produzindo conceitos, argumentos, evidências e recursos que possibilitam uma reflexão crítica sobre os “fenômenos sociais”. Assim sendo, delineamos abaixo os conteúdos que abordaremos neste material para caminhar na direção proposta.

Módulo 1) do senso comum ao método científico: por que as ciências sociais têm coisas relevantes a dizer?

Módulo 2) a pesquisa (social) nas ciências sociais: abordagens qualitativas e quantitativas

Módulo 3) produzir conhecimento em ciências sociais como trajetória de vida: discutindo trajetórias de cientistas sociais brasileiras/os

(1) Fonte: Ministério da Educação (Brasil). Base Nacional Comum Curricular (BNCC), Ensino Médio. Pág. 559 http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/historico/BNCC_EnsinoMedio_embaixa_site_110518.pdf

(2) Fonte: Ministério da Educação (Brasil). Base Nacional Comum Curricular (BNCC), Ensino Médio. Pág. 560 http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/historico/BNCC_EnsinoMedio_embaixa_site_110518.pdf

Módulo 1

do senso comum ao método científico: por que as ciências sociais têm coisas relevantes a dizer?

Por que as ciências sociais têm coisas relevantes a dizer? Para começar a tratar dessa questão, iniciamos discutindo algo muito associado com o universo das ciências sociais: as construções sociais. Em seguida, discutimos a importância dos métodos e técnicas de pesquisa e a diferença entre o conhecimento científico e o senso comum.

O que queremos dizer com “construção social”?

Atualmente, é muito comum ouvir as pessoas dizerem frases como “ah, mas isso é apenas construção social!”, só que raramente damos a devida atenção ao que realmente significa afirmar que algo é uma “construção social”. Tomemos como exemplo a ideia de raça: viralizou na Internet uma fala do ator norte-americano Morgan Freeman em que ele afirma a sua indiferença quanto à celebração de um “Dia da Consciência Negra”, pois todos seríamos iguais, independentemente da cor de nossas peles. Apesar de a fala do célebre ator reafirmar a constatação fundamental de que inexistem “raças humanas” e de que a diversidade de pessoas, de cores de pele, de aparências físicas, etc, não significa, de forma alguma, superioridade ou inferioridade biológica de certas pessoas sobre outras, tal fala ignora completamente o fato de que categorias como identidade racial, raça, cor ou etnia são relevantes precisamente porque são construídas socialmente - quer dizer, têm um impacto real e significativo na maneira como a sociedade funciona e como nós estabelecemos relações sociais uns com os outros. Assim, o que está no fundo do discurso de Morgan Freeman seria um esforço deliberado de considerar tais categorias como raça ou cor como coisas sem significado, sem impacto; isso, ignorando a realidade social que mostra que essas diferenças entre as pessoas (mesmo não sendo biológica) tem muito impacto.

Assim sendo, se não existem diferenças biológicas entre pessoas brancas, negras, indígenas, asiáticas, etc, por que a sociologia ainda insiste em utilizar essas categorias? Ora, justamente porque se trata de “categorias sociais” - e isso não significa que tais categorias, por serem sociais, são menos importantes para entender o mundo. O problema com a ideia de que algo é “apenas uma construção social” está no fato de que essa afirmação pressupõe que, por ser “apenas” isso, seria um fato de menor impacto sobre as nossas vidas, algo contornável - ou, como Morgan Freeman disse, que não precisa ser discutido. No entanto, é justamente o oposto: reafirmar o caráter social de um fenômeno não deveria reduzir sua importância, e sim sinalizar a sua origem e os caminhos possíveis de explicação do porque, nesse caso, ainda assim o preconceito persiste em nossa sociedade.

Categorias como raça, cor ou etnia, então, não são apenas construções sociais. São sobretudo construções sociais. Não basta apenas repetir que todos somos iguais se ainda nos deparamos com racismo, discriminação, exploração e preconceito em diferentes momentos e lugares da nossa sociedade.

Assim, a sociologia e as ciências sociais, de forma mais ampla, surgem como o campo do conhecimento que estuda tais construções e categorias sociais - suas origens, seus desenvolvimentos, seus corolários - em nossas vidas, comunidades e sociedades, distanciando-se do senso comum que, frequentemente, mostra-se incapaz de compreender a fundo a complexidade, o impacto e o caráter social desses fenômenos (como o racismo), sustentando, em vez disso, pré-concepções sobre o mundo social que naturalizam tais fenômenos: “foi sempre assim”, “isso sempre existiu”, “Deus quis desse jeito”, “desde de que me conheço por gente - ou, desde que o mundo é mundo - as coisas funcionam dessa maneira”...

Então, para usar uma palavrinha da moda, o que precisamos fazer é “desconstruir” essas construções sociais e esses preconceitos, certo? Mais ou menos... Discutamos essa questão com calma. O que vemos aí, nesse uso irrefletido da noção de “desconstruir”, é uma pressuposição acerca das construções sociais enquanto coisas arbitrárias e de controle de indivíduos, como se fosse possível abolir terminantemente construções sociais e preconceitos. Em realidade, o que acontece é muito mais a substituição de uma construção por outra, por assim dizer, bem como a transformação progressiva desses construtos. Certamente a sociologia é capaz de fornecer interessantes conceitos e teorias capazes de operarem de maneira crítica sobre pré-conceitos enraizados no senso comum. Mas o papel da sociologia deve ser pensado menos como a superação dos supostos equívocos do mundo social e mais como a indicação de formas sólidas e relevantes de se pensar criticamente sobre a sociedade e seus integrantes, o que nem sempre significa sair por aí desconstruindo tudo.

Uma das principais questões que atravessa todo o trabalho sociológico é, portanto, pensar criticamente aquilo que chamamos de “senso comum” - trata-se de estranhar, questionar, desnaturalizar, desencantar e, também, em certa medida, desconstruir pré-concepções, preconceitos, representações, hábitos e, em suma, construções sociais. De toda forma, isso só é realizável a partir de uma dedicação incessante ao que os sociólogos chamam de “métodos e técnicas de pesquisa”. Sendo o objetivo desse material uma breve incursão sobre esses aspectos da sociologia, esperamos ser capazes de auxiliar na compreensão da instância específica a partir da qual os conceitos sociológicos são produzidos e enunciados.

Um conceito inicial que vai nos guiar nessa jornada é a ideia de “imaginação sociológica”, desenvolvida pelo sociólogo Charles Wright Mills (1916-1962). Segundo ele, a sociedade não é uma produção desconexa, que surge do acaso. A tarefa sociológica seria, desse modo, justamente conectar os indivíduos à sociedade da qual fazem parte, traçando as relações que estabelecem entre si. Trata-se de relacionar as biografias individuais com uma história mais geral da sociedade, a partir de um distanciamento metodológico:

“Aquilo que experimentamos em vários e específicos ambientes de pequena escala, já o observei, é com frequência causado pelas modificações estruturais. Assim, para compreender as modificações de muitos ambientes pessoais, temos necessidade de olhar além deles. E o número e variedade dessas modificações estruturais aumentam à medida que as instituições dentro das quais vivemos se tornam mais gerais e mais complicadamente ligadas entre si. Ter consciência da ideia da estrutura social e utilizá-la com sensibilidade é ser capaz de identificar as ligações entre uma grande variedade de ambientes de pequena escala. Ser capaz de usar isso é possuir a imaginação sociológica” (3)

Mas, para utilizar a imaginação sociológica de maneira adequada, é preciso delinear formas de controle dos nossos temas de estudo, para que ele não fuja de nós e se transforme novamente em senso comum. Isso só é realizável através de uma opção metodológica bem formulada e justificada pelo pesquisador. Existem alguns métodos específicos que pretendemos cobrir nesse material que nos ajudará a definir melhor esses procedimentos de pesquisa que transformam a simples “construção social” em “construto sociológico”, em algo analisável, ou seja, em conceitos.

A importância dos métodos e técnicas de pesquisa

Florestan Fernandes, um dos mais importantes cientistas sociais do Brasil e do mundo, sustenta que as ciências sociais devem reconstruir a realidade. Em seu livro célebre "Fundamentos empíricos da explicação sociológica" ele indica que o cientista social não encontra no mundo fatos prontos que ele pode apenas coletar e registrar. Pesquisa nunca é um processo passivo! Assim, é preciso que o pesquisador, exercitando seus conhecimentos, reconstrua a realidade nos termos das ciências sociais. A observação científica dos fenômenos sociais e do mundo social - que permite a produção de conhecimento nas ciências sociais - não consiste apenas em "ver" o mundo: tal observação é realizada com método. O método científico! E essa é a principal característica que diferencia o conhecimento científico do senso comum.

É bastante comum ver em programas de auditório e reality shows na televisão os chamados "experimentos sociais", em que pessoas comuns passam por situações artificiais diante das câmeras e, a partir disso, os telespectadores podem tirar conclusões sobre o comportamento humano de maneira bastante geral. Será que experimentos sociais como esses fazem parte das ciências sociais? Não! É importante lembrar que esses experimentos sociais na televisão são meros produtos da indústria do entretenimento, e que, nas ciências sociais, não se fazem experimentos. A experimentação científica, como nos lembra Florestan Fernandes em seu livro mencionado acima, consiste em isolar e separar os elementos essenciais da pesquisa científica para compreender os fenômenos estudados. Nas ciências sociais, os elementos que compõem os fenômenos sociais que queremos estudar (as pessoas, as culturas, os hábitos, as práticas políticas, econômicas, religiosas, artísticas, etc) não podem ser removidas ou isoladas do contexto em que existem: só existem em contexto e só possuem seu sentido nesse contexto.

Essa oposição entre o senso comum e o conhecimento sociológico remonta aos primórdios da sociologia. Max Weber, por exemplo, seria um dos grandes defensores da sociologia enquanto instância científica de produção de conhecimento sobre o mundo social. Segundo ele, é plenamente possível produzir um saber cientificamente relevante sobre a sociedade, no entanto, o sociólogo deveria estar constantemente atento às intrusões do senso comum na sua elaboração teórica. Para seguir essa tarefa, Weber sugere que o pesquisador assuma uma "neutralidade axiológica" (4), ou seja, que ele deixe de lado seus juízos de valor na elaboração de uma pesquisa científica. Mas como isso é possível? Por meio dos métodos e técnicas de pesquisa!

Aquilo que chamamos de "método" nada mais é do que uma estratégia que estabelecemos antes de investigar qualquer questão. Vamos começar com uma analogia do nosso cotidiano: a culinária. Quando queremos cozinhar um jantar para alguns amigos, antes de mais nada, é preciso estabelecer caminhos a se seguir na execução do prato escolhido. Uma receita não pode ser feita somente jogando coisas aleatórias dentro de uma panela. É preciso seguir um passo a passo, um método. Para manter simples, vamos supor que você queira fazer um macarrão.

(4) Fonte: Max Weber, "O sentido da 'neutralidade axiológica' nas ciências sociais e econômicas" (In: Metodologia das ciências sociais (parte 2)), Editora Cortez, 2001

O primeiro passo é separar uma panela adequada para o cozimento do macarrão, depois, deve-se enchê-la com água na medida certa e levar ao fogo. Somente quando iniciar a ebulição, adicionamos a quantidade necessária de sal e, enfim, a massa. Essas estratégias são justamente um método. Quando optamos por qual panela usar, a quantidade de água adequada e a própria ordem com que cada ação deve ser executada, nós estamos seguindo uma estratégia que permite o preparo adequado do nosso alimento. Com a pesquisa sociológica é quase a mesma coisa... Quando pensamos no método sociológico, não podemos seguir essa analogia ao pé da letra, porque uma receita implica na repetição constante das mesmas etapas para a obtenção do mesmo resultado sempre, enquanto para cada fenômeno sociológico, é imprescindível avaliar quais metodologias serão empregadas, dentre as possibilidades conhecidas. Em todo caso, tal qual o nosso cozinheiro, o sociólogo também deve traçar uma série de estratégias e técnicas que permitirão a ele se aproximar do objeto estudado, produzir um resultado final palatável. Mais adiante, na seção intitulada "Métodos e técnicas de pesquisa: uma visão panorâmica" precisaremos melhor algumas técnicas e métodos de pesquisa tradicionais nos trabalhos acadêmicos, mas antes de prosseguir é preciso indicar algumas coisas.

Quando se pensa nos métodos e técnicas de pesquisa possíveis para se aproximar de um objeto de pesquisa, é importante reiterar que não existe um guia universal de etapas a serem seguidas para um estudo sociológico. Diante da infinidade de estratégias possíveis, é tarefa do pesquisador traçar a melhor abordagem, o que significa que nem sempre ele estará recluso no domínio propriamente sociológico. Por isso, afirmamos que a especificidade de uma pesquisa científica é algo que está sujeito a constantes disputas: não existe uma definição absoluta do que é uma técnica exclusivamente sociológica de estudo, do que é exclusivamente da História, ou da Geografia ou até mesmo da Economia. É interessante observar como as pesquisas, sobretudo nas chamadas "ciências humanas", se constituem em um intenso intercâmbio de ideias, temas e métodos de pesquisa. Assim, é plenamente possível encontrar economistas falando em "classes sociais", "sociedade", "estrutura social", tal qual um sociólogo falando em "capitalismo", "dinheiro", "mercado" e etc. Aliás, uma pesquisa é tanto mais completa quanto mais consciente ela esteja da sua posição dentro dessas disputas que acontecem.

Existem algumas definições possíveis para caracterizar uma pesquisa enquanto sociológica, mas isso não impede que essas definições sejam objeto de discussão e reflexão a propósito da sua adequabilidade e é precisamente esse o ponto que tentamos indicar com nosso adendo inicial. Em resumo, podemos indicar alguns métodos mais próximos de uma "pesquisa sociológica", porém, do mesmo modo que essa definição sofreu transformações no passado, ela continua se transformando e isso faz parte da própria reflexão da sociologia.

Métodos e técnicas de pesquisa: uma visão panorâmica

Diferentes autores caracterizam de maneiras diferentes o objetivo e o objeto de estudo sociológico, o que faz com que os sociólogos tenham que recorrer a métodos específicos de pesquisa de acordo com o pressuposto teórico mobilizado. Ou seja, temos uma relação importante entre teoria e pesquisa, a partir da qual o pano de fundo teórico deve ser articulado com o método escolhido para pesquisar o problema.

Quando pensamos na fundação da Sociologia, é quase que impossível não repassar as idéias de três autores fundamentais, conhecidos carinhosamente como “Os Três Porquinhos da Sociologia”: Émile Durkheim, Karl Marx e Max Weber. O que une esses pensadores em torno dessa narrativa de fundação é o fato de que eles foram responsáveis, cada qual a sua maneira, por fornecer elementos centrais para o desenvolvimento de caminhos metodológicos e teóricos de interpretação do “fenômeno social”, da Sociedade.

Émile Durkheim, dentre os três, foi o primeiro a efetivamente propor uma ciência do social, no final do século XIX. Suas contribuições para a sociologia são inestimáveis e, apesar das críticas, passados mais de 100 anos desde a sua morte, ainda retornamos às suas obras. Dentre as formulações principais do sociólogo francês, está a conceitualização do que ele chamou de “fato social”. Segundo ele, a sociedade seria passível de uma investigação científica da mesma ordem de legitimidade das outras ciências, como a biologia, ou a química. Para tanto, porém, era imprescindível o desenvolvimento de certas regras para o método sociológico, para que a sociologia não se transformasse em uma simples repetição de pré-concepções, preconceitos.

Émile Durkheim e a Revolução Industrial

Émile Durkheim (1858-1917) é conhecido por alguns como “o pai da sociologia”, graças às suas contribuições para a sistematização do objeto de estudo sociológico e a disciplinarização da Sociologia. Nascido em 15 de abril de 1858, Durkheim viveu um período de grandes transformações sociais na sociedade européia, com impactos no mundo todo. A Revolução Industrial que trazia contribuições inigualáveis a partir da invenção das máquinas à vapor, também trazia consigo uma série de contradições e problemas sociais, dos quais Durkheim e tantos outros pensadores importantes estavam particularmente cientes. É nesse período de mudanças e conflitos que emerge a teoria sociológica durkheimiana.

Dentre os princípios fundamentais do método sociológico durkheimiano está o tratamento dos fatos sociais como “coisas”, o que significa que o sociólogo deve adotar uma postura semelhante à dos demais cientistas. Assim, tanto quanto um químico diante de suas incursões sobre os elementos e reações, o sociólogo também deve abraçar a imprevisibilidade e o desconhecimento que se impõem a ele, durante seu trabalho.

“Mas, quando se trata de fatos propriamente ditos, eles são para nós, no momento em que empreendemos fazer-lhes a ciência, necessariamente coisas ignoradas, pois as representações que fizemos eventualmente deles ao longo da vida, tendo sido feitas sem método e sem crítica, são desprovidas de valor científico e devem ser deixadas de lado” (5)

Nesse sentido, Durkheim fala na sociologia como esse estudo dos “fatos sociais”, cujas características seriam a exterioridade, a coercividade e a generalidade. Em síntese, o que permite a identificação de um determinado fenômeno enquanto fato social e, portanto, passível da investigação sociológica é a independência que ele apresenta em relação aos indivíduos, além de um certo caráter coercitivo, no sentido de que os fatos sociais se impõem relativamente aquém da vontade das pessoas. Também é preciso que eles sejam generalizados, em alguma medida, por toda a sociedade, confirmando a sua generalidade.

É importante observar aqui como Durkheim elabora, a partir de uma visão particular do que constitui o objeto de estudo da sociologia e sua formulação teórica sobre os fatos sociais, as regras do método sociológico. Ou seja, o caminho que se segue é o de conectar essas duas faces da pesquisa: teoria e método. Retomando nossa analogia gastronômica, seria quase impossível cozinhar sem que se soubesse de antemão o que exatamente se pretende cozinhar. Depois, uma vez estabelecido o seu objetivo culinário, torna-se possível escolher a melhor receita, o melhor método, para produzir a comida desejada. Com a pesquisa sociológica, conforme pudemos observar em Durkheim, ocorre um processo parecido.

Contraponto

Contemporaneamente, podemos encontrar figuras como Bruno Latour, filósofo e sociólogo da ciência, falecido em 2021, que desempenhou papel de grande destaque discutindo um dos problemas mais prementes do século XXI: a mudança climática. Latour foi propositivo de muitas inovações teóricas e metodológicas, e seu pensamento é considerado por muitos como de vanguarda. De maneira bastante interessante, Latour critica profundamente a maneira como as Ciências Sociais, especialmente a sociologia, se prestam a dar explicações sobre o social, sobre a sociedade, como se isso constituísse uma esfera autônoma e privilegiada da vida humana. De fato, para Durkheim, por exemplo, pensador fundante da sociologia e cuja influência é extensa e intensa, aquilo que pode ser chamado de social constitui uma ordem completamente distinta daquilo que não pode ser chamado de social. O que Latour nos mostra, contudo, é que na época em que Durkheim estava sustentando suas ideias, ele estava, na verdade, competindo com outras perspectivas, como a de Gabriel Tarde – pensador com cujas ideias Latour se identifica muito mais. Assim, Latour busca defender uma concepção de ciência social que subverta essa que foi estabelecida com Durkheim.

Uma pessoa sem qualquer tipo de treinamento em pesquisa sociológica, portanto, é capaz de dizer coisas sobre a sociedade, pensar criticamente uma série de fatos sociais. No entanto, esse pensamento só vai até certo ponto. Não que a investigação propriamente sociológica seja infinitamente criativa, mas ela dispõe de um rigor que permite avançar com maior profundidade os fenômenos sociais. Observemos, por exemplo, o gênero musical “rap”: nele, é possível encontrar diversas questões sociologicamente relevantes, ainda que restritas à liberdade poético-musical das convenções do gênero. Mesmo assim, encontramos aí uma série de formulações potentes e críticas a propósito de diferentes fatos sociais.

É comum encontrarmos, portanto, canções de rap que reflitam criticamente sobre a sociedade, abordando temas como violência urbana, desigualdade econômica, gênero, racismo e tantos outros. Eles podem trazer à tona experiências pessoais e coletivas, oferecendo uma interpretação sociológica espontânea dos fatos sociais. No entanto, sem método, não é possível chamar essas produções culturais de sociologia. Podemos dizer, quando muito, que o rap oferece um ponto de partida para a pesquisa sociológica, ao indicar hipóteses que devem ser verificadas a partir das técnicas típicas e sistemáticas de pesquisa sociológica.

Mas, enquanto a pesquisa sociológica busca o rigor metodológico por intermédio de instrumentos próprios, o rap propõe uma manifestação muito mais “política”, dotado de toda a liberdade criativa que o gênero musical permite. Cumpre destacar, porém, que isso não é um demérito do rap em detrimento do esforço científico da sociologia. Temos diferentes modos de apreensão do social e que servem a propósitos distintos. Aliás, muitas análises sociológicas têm bebido da fonte do rap e mobilizado essas canções como um material de pesquisa para suas investigações.

COMO O RAP PODE AUXILIAR EM UMA ANÁLISE SOCIOLÓGICA?

Fundado em 1988, o grupo de rap Racionais MCs é considerado um dos principais nomes do rap brasileiro. Suas letras de forte cunho crítico sempre foram alvos de debate e polêmicas ao longo desses mais de 30 anos de existência. O álbum Sobrevivendo no Inferno (1997) é um dos pontos altos nessa trajetória. Como o próprio nome sugere, ele traz canções que versam sobre as dificuldades enfrentadas pela população pobre, negra e periférica em um país marcado por desigualdades de todos os tipos. Na última música do CD, “Qual mentira vou acreditar?”, mergulhamos no cotidiano dos jovens da periferia. Durante a canção, ouvimos a história de um rapaz que decide sair para se divertir, mas esbarra em uma série de empecilhos que o impedem de seguir com seu programa de lazer, como a polícia, o racismo e o consumo de drogas na periferia. O refrão repetido ao longo da letra “em qual mentira vou acreditar?” oferece o contraste com os discursos apresentados, como no trecho a seguir: “Quem é preto como eu já tá ligado qual é/Nota Fiscal, RG, polícia no pé/”Escuta aqui: o primo do cunhado do meu genro é mestiço, racismo não existe, comigo não tem disso. É pra sua segurança”/Falou, falou, deixa pra lá/Vou escolher em qual mentira vou acreditar”. Conforme explicado acima, as letras de rap não podem e nem devem ser equiparadas a uma análise sociológica, porém, elas oferecem pontos a partir dos quais o sociólogo pode entender como as pessoas visualizam os problemas de seu dia a dia. Quase como uma entrevista, ou um depoimento, o rap oferece pontos complementares para a pesquisa sociológica, que age como mediadora entre o que é dito por essas pessoas e a sistematização científica.

Questões para debate

Em vias de conclusão e com base nas discussões deste módulo, gostaríamos de apresentar questões para a reflexão sobre os tópicos abordados aqui. Seguindo o argumento, como a tarefa primordial da sociologia envolve justamente colocar em debate a estabilidade das categorias do senso comum, submetê-las ao escrutínio do método, nada mais justo do que aplicar essa própria desconfiança metodológica aos próprios pressupostos sociológicos. Nesse sentido, pensamos em algumas questões para debate que encaminham esse olhar crítico sobre as formulações apresentadas aqui. Essa é uma oportunidade para o professor convocar os alunos a participarem mais ativamente do pensamento sociológico, para pensar seus limites e suas potencialidades.

Apesar de sua recorrência, nem todos os cientistas sociais concordariam com uma separação tão categórica entre o senso comum e a teoria sociológica. A antropologia, por exemplo, é uma área das ciências sociais que utiliza significativamente o senso comum, ou "categorias nativas", como mote das suas interpretações sobre a sociedade em questão, ainda que a necessidade de mediação não seja completamente anulada. A ideia é que os integrantes de um determinado grupo social estudado também pensam sobre si mesmos, embora sem um método explícito. Nesse sentido, a propósito das implicações de uma distinção entre senso comum e pensamento sociológico, que tal discutir as seguintes questões, que envolvem essa problemática?

- "Pessoas que nunca tiveram contato com sociologia podem dizer algo sobre a sociedade?"
- "De onde vem a autoridade do sociólogo para formular questões sobre a sociedade?"
- "Existe sociologia sem método?"
- "Quais exemplos podemos citar de reflexões sobre sociais fora da sociologia? Como elas diferem das formulações sociológicas?"

Módulo 2

a pesquisa (social) nas ciências sociais: abordagens qualitativas e quantitativas

Breve introdução a métodos quantitativos e qualitativos

Na esfera das ciências sociais, a utilização de métodos quantitativos e qualitativos é de extrema relevância para a compreensão dos fenômenos sociais complexos sob investigação. Esses métodos diferem entre si: encontramos abordagens, técnicas de coleta, análises e formas de interpretação de dados distintas. Apesar disso, há também complementaridade entre eles no que se refere à possibilidade de oferecerem entendimentos e descobertas fundamentais para a pesquisa social.

Os métodos quantitativos nas ciências sociais envolvem a produção de dados numéricos e sua análise estatística. Eles se baseiam em amostras representativas e permitem generalizações para grandes populações. Tais métodos são úteis para testar hipóteses, identificar padrões e estabelecer relações de causa e efeito. Por exemplo, por meio de pesquisas por questionários e surveys, é possível coletar informações quantificáveis sobre atitudes, comportamentos e características demográficas das pessoas. A análise estatística desses dados permite identificar tendências e inferir relações entre variáveis, contribuindo para uma compreensão mais robusta dos fenômenos sociais.

Por outro lado, os métodos qualitativos são direcionados à compreensão aprofundada dos significados, percepções e processos sociais subjacentes. Eles se baseiam na produção de dados que não podem ser sintetizados em quantidades, como entrevistas, grupos focais, histórias de vida, observações participantes (ou etnografias), análises de conteúdo, análises documentais, etc. Por meio de tais métodos qualitativos, os pesquisadores podem explorar subjetividades, complexidades e nuances que marcam e atravessam os fenômenos sociais de interesse. Assim, tais abordagens fornecem uma visão rica e detalhada dos processos sociais, permitindo que os pesquisadores capturem as vozes e perspectivas dos participantes.

A escolha entre métodos quantitativos e qualitativos depende da natureza da pergunta de pesquisa, dos objetivos do estudo e do contexto específico do fenômeno social em análise. Ambas as famílias de métodos têm suas forças e limitações, mas, quando combinadas naquilo que se convencionou chamar de métodos mistos, tais abordagens podem fornecer uma visão mais completa e abrangente dos fenômenos sociais. Nesse sentido, a integração desses métodos enriquece a compreensão e a explicação dos fenômenos sociais. Em suma, a utilização conjunta de métodos quantitativos e qualitativos nas ciências sociais promove uma produção do conhecimento mais holística e sensível aos conflitos, contradições, complexidades e detalhes do mundo social em relação ao qual almejamos melhores compreensões.

Com isso em mente, leia atentamente os verbetes de Allan Johnson a respeito de dois métodos (um quantitativo e o outro qualitativo) muito relevantes para as ciências sociais.

Análise de regressão

A análise de regressão é uma técnica estatística para descrever e analisar relações entre uma VARIÁVEL dependente e uma ou, com a regressão múltipla, duas ou mais variáveis independentes. A fim de usar a análise de regressão, as variáveis devem estar na escala razão ou na escala intervalo, o que significa que devem assumir naturalmente a forma de números (tais como renda ou idade). Uma exceção à essa regra é qualquer variável que assuma a forma de uma DICOTOMIA, tal como sexo, ou uma variável de multicategoria, como educação, que se reduz a duas categorias tais como “menos que estudo universitário” ou “algum ou mais do que estudo universitário”.

Fonte: Allan Johnson “Dicionário de sociologia: guia prático da linguagem sociológica” 1997

Observação participante (ou etnografia)

Observação participante é um método de pesquisa no qual o observador realmente toma parte no fenômeno social que estuda. Em um estudo clássico de hospitais de doenças mentais, por exemplo, os pesquisadores, sob falsos pretextos, conseguiram ser internados, de modo a observar como os pacientes, inclusive eles próprios, eram tratados. Os pesquisadores descobriram que logo que foram rotulados como mentalmente doentes, a equipe do hospital interpretou seu comportamento nesses termos. O fato de tomarem extensas notas, parte integral do trabalho de pesquisa, era interpretado nos registros do hospital como “comportamento de tomar notas”, acreditando-se que refletia seu estado mental patológico.

Embora a observação participante esteja mais ligada à pesquisa antropológica em sociedades tribais, ela é usada por sociólogos em uma grande variedade de ambientes, de processos relativos a grupos pequenos e instituições maiores ao estudo de interações entre homens e mulheres. A principal vantagem desse método é que permite que os pesquisadores estudem o comportamento social da maneira como ele realmente ocorre. A principal desvantagem é que, na medida em que os pesquisadores se envolvem no que estudam, podem desenvolver interesses, fidelidades e pontos de vista que influenciam suas observações e interpretações, sem que se dêem conta disso. Dessa maneira, como acontece com muitas estratégias de pesquisa, os principais pontos fortes da observação participante são também seus pontos fracos mais claros.

Fonte: Allan Johnson “Dicionário de sociologia: guia prático da linguagem sociológica” 1997

Para pensar: qual desses é o método quantitativo e qual é o qualitativo? E por quê?

Fazendo e Aprendendo

Exercício 1 - Explorando métodos quantitativos

Métodos quantitativos, que produzem resultados numéricos, podem ser bastante valiosos para entendermos diversas questões sociais. Será que o número de anos de educação formal tem a ver com renda? Será que o índice de desemprego tem a ver com o índice de criminalidade? Perguntas como essas, é certo, podem ser competentemente respondidas por cientistas sociais com o auxílio de métodos quantitativos. Um método quantitativo bem simples, mas bastante útil em pesquisas sociais, é a regressão linear. Para entendê-la melhor, que tal resolver o exercício abaixo, que apresenta uma situação hipotética?

A prefeita da cidade de Lago Vermelho queria entender melhor os hábitos de leitura dos seus cidadãos, por isso, encomendou, em um primeiro momento, um estudo que demonstrasse a relação entre idade e quantidade de livros lidos em um ano. O pesquisador que iniciou a pesquisa, esqueceu de preencher alguns dados da tabela no gráfico 1. Agora é com você! Preencha no gráfico os dados faltantes (marcados em vermelho na tabela) e continue acompanhando o desenrolar dessa história.

Pessoa	Idade	Nº de livros lidos por ano
Bruna	34	2
Carla	15	1
Carolina	63	4
Daniela	6	0
Eduardo	52	3
Felipe	8	2
Fernanda	70	2
Flávia	24	7
Gabriela	48	10
Gerson	12	8
João	20	5
Lucas	75	0
Manuela	41	7
Mateus	68	8
Natália	7	1
Pedro	56	6
Rafaela	22	9
Roberto	43	5
Sara	19	3
Thiago	39	4
Vinícius	36	4

Gráfico 1



A prefeita ficou insatisfeita com esses dados e pediu para que você comparasse, agora, o número de anos de educação formal com o número de livros lidos por ano com os mesmos participantes da pesquisa original. Veja os dados que você encontrou:

Pessoa	No de anos de educ. formal	Nº de livros lidos por ano
Bruna	9	2
Carla	4	1
Carolina	9	4
Daniela	0	0
Eduardo	8	3
Felipe	3	2
Fernanda	5	2
Flávia	17	7
Gabriela	20	10
Gerson	7	8
João	12	5
Lucas	0	0
Manuela	15	7
Mateus	16	8
Natália	2	1
Pedro	9	6
Rafaela	14	9
Roberto	12	5
Sara	10	3
Thiago	12	4
Vinícius	12	4

Puxa vida, parece que agora foi você quem esqueceu de preencher alguns dos dados da tabela (marcados em vermelho) no gráfico seguinte. Termine o preenchimento e vamos partir para a análise.

Gráfico 2



Observe os gráficos que você preencheu: parece haver alguma relação entre idade e número de livros lidos por ano? E entre número de anos de educação formal e número de livros lidos por ano? Discuta com seus colegas, professor/a e responda.

Nesta situação hipotética, realizamos, de maneira bastante simplificada, alguns dos passos envolvidos na regressão linear: dados foram coletados, variáveis relevantes foram identificadas e análises iniciais foram feitas.

Mas, em termos simples, o que é uma regressão linear? Falar em regressão é falar em previsibilidade: por meio de procedimentos certos procedimentos matemáticos com os dados coletados, seria possível traçar uma linha que permita prever, em média e aproximadamente, que valor teríamos no eixo Y para certo valor que temos no eixo X: no exemplo explorado no exercício, portanto, ao traçar a linha de regressão, seria possível, sabendo quantos anos de educação formal ela tem, termos uma previsão de quantos livros ela lê em média por ano.

No primeiro caso, portanto, não seria possível fazermos uma regressão, pois os dados estão muito dispersos e não aparentam nenhuma regularidade e, portanto, não havendo previsibilidade, não seria possível traçar a linha de regressão.

É evidente que, neste exemplo tão simples, estamos ignorando diversos fatores que complicam e embaçam a realização de pesquisas quantitativas, que são também muito mais diversas do que realizar regressões. De toda forma, o exercício permite ter uma noção inicial e geral do tipo de produção de conhecimento que está sendo realizada ao empregar métodos quantitativos como esse

Exercício 2 - Explorando métodos qualitativos

Como pudemos ver, a etnografia é uma maneira muito rica de produção do conhecimento nas ciências sociais e que depende largamente das experiências do pesquisador durante o trabalho de campo. Mas, você sabia que você também pode escrever um relato etnográfico? Que tal começarmos essa prática agora?

Tente se recordar de um momento específico em que você conheceu um novo lugar, com novas pessoas, ou em que você fez algo, junto com sua família, amigos ou outras pessoas, que você nunca tinha feito antes - tente pensar, portanto, em um momento que você estava, realmente, fora de sua zona de conforto e descobrindo coisas novas. Momentos como esse podem ser, por exemplo: ter ido, pela primeira vez, em um show de música, ou em um concerto; ter participado de algum culto ou celebração religiosa que nunca tinha participado antes; ter se mudado para um lugar distante com sua família e ter frequentado uma escola diferente; ter feito uma viagem para um lugar desconhecido e ter experimentado várias coisas novas... Depois de ter selecionado tal experiência, é hora de produzir um relato sobre ela - mas o relato etnográfico não é simplesmente uma historinha: nele, é preciso responder uma série de perguntas gerais sobre a experiência que está sendo relatada etnograficamente (o quê? quem? quando? como? onde? por quê?; ademais, nesse relato, é importante apresentar descrições as mais detalhadas possíveis acerca das interações que você teve com outras pessoas, das coisas que você experimentou, fez e/ou descobriu.

Agora, mãos à obra! Partindo das orientações providenciadas acima, escreva um relato etnográfico de, no mínimo, 30 linhas.

Depois de escrever, discuta e compartilhe com a classe.

Módulo 3

produzir conhecimento em ciências sociais como trajetória de vida: discutindo trajetórias cientistas sociais brasileiras/os

Uma maneira muito interessante de compreendermos a produção do conhecimento nas ciências sociais é olhando a trajetória de cientistas sociais brasileiros/as nos dias de hoje bem como os conceitos que proporam:

Antropologia | Kabengele Munanga



Nascido no Congo-Belga, Kabengele Munanga estudou ciências sociais na Universidade Oficial do Congo e, destacando-se como um dos melhores alunos, iniciou seus estudos de doutorado em Antropologia na Universidade Católica de Louvain, na Bélgica, mas, por questões de conflito político, terminou tais estudos na Universidade de São Paulo - futuramente, naturalizando-se brasileiro. Kabengele Munanga é um intelectual, um educador, um pesquisador internacionalmente reconhecido e respeitado que dedicou sua vida a pensar sobre África, sobre racismo, sobre negritude, sobre a luta contra o racismo, sobre cotas raciais no ensino superior, entre outras temáticas extremamente pertinentes e engajadas. Para conhecer mais do Prof. Kabengele, acesse <https://doi.org/10.11606/2179-0892.ra.2013.64518>

Kabengele Munanga em alguns conceitos... Raça, Racismo e Etnia

Em um trabalho paradigmático e de extrema importância intitulado “Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia” Kabengele Munanga traça um mapa de conceitos relacionados entre si para pensar a questão da raça, do racismo e da etnia. Olhemos com atenção para as próprias palavras do Professor Kabengele Munanga para compreender essas conceituações:

“o conceito de raça tal como o empregamos hoje, nada tem de biológico. É um conceito carregado de ideologia, pois como todas as ideologias, ele esconde uma coisa não proclamada: a relação de poder e de dominação. A raça, sempre apresentada como categoria biológica, isto é natural, é de fato uma categoria etno- semântica. De outro modo, o campo semântico do conceito de raça é determinado pela estrutura global da sociedade e pelas relações de poder que a governam. Os conceitos de negro, branco e mestiço não significam a mesma coisa nos Estados Unidos, no Brasil, na África do Sul, na Inglaterra, etc. Por isso que o conteúdo dessas palavras é etno-semântico, político-ideológico e não biológico. Se na cabeça de um geneticista contemporâneo ou de um biólogo molecular a raça não existe, no imaginário e na representação coletivos de diversas populações contemporâneas existem ainda raças fictícias e outras construídas a partir das diferenças fenotípicas como a cor da pele e outros critérios morfológicos. É a partir dessas raças fictícias ou “raças sociais” que se reproduzem e se mantêm os racismos populares.” (6)

“o racismo é uma crença na existência das raças naturalmente hierarquizadas pela relação intrínseca entre o físico e o moral, o físico e o intelecto, o físico e o cultural. O racista cria a raça no sentido sociológico, ou seja, a raça no imaginário do racista não é exclusivamente um grupo definido pelos traços físicos. A raça na cabeça dele é um grupo social com traços culturais, lingüísticos, religiosos, etc. que ele considera naturalmente inferiores ao grupo a qual ele pertence. De outro modo, o racismo é essa tendência que consiste em considerar que as características intelectuais e morais de um dado grupo, são conseqüências diretas de suas características físicas ou biológicas.” (6)

“O conteúdo da raça é morfo-biológico e o da etnia é sócio-cultural, histórico e psicológico. Um conjunto populacional dito raça “branca”, “negra” e “amarela”, pode conter em seu seio diversas etnias. Uma etnia é um conjunto de indivíduos que, histórica ou mitologicamente, têm um ancestral comum; têm uma língua em comum, uma mesma religião ou cosmovisão; uma mesma cultura e moram geograficamente num mesmo território.” (6)

(6) Fonte: Kabengele Munanga “Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia” 2003. Disponível em:

<https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/04/Uma-abordagem-conceitual-das-nocoes-de-raca-racismo-identidade-e-etnia.pdf>

Sociologia | Maria Stela Grossi



Nascida no interior de Minas Gerais, Maria Stela Grossi é uma das mais importantes pesquisadoras e intelectuais sobre a questão da violência no Brasil. Graduiu-se em Ciências Sociais pela Universidade de Brasília, universidade na qual foi futuramente professora de sociologia por muitos anos. Fez mestrado e doutorado em Sociologia na Universidade de Montreal, no Canadá, em que estudou capitalismo, mercado de trabalho, família, entre outros temas. Falecida em 2023, Maria Stela Grossi deixou um legado importantíssimo para os estudos da violência, das forças policiais e da segurança pública no Brasil, temas que ela começou a desenvolver mais detidamente em suas pesquisas na década de 90:

“Através de seu caminho de formação teórica e acadêmica, já no exercício pleno do ofício de socióloga, atuando como professora concursada no departamento de sociologia da UnB (1987) vai gradativamente convertendo seus interesses de pesquisa, que se deslocam para a questão da violência, da segurança pública e dos direitos humanos. Foi na sociologia do mundo rural, que emergiram suas reflexões conceituais no estudo sobre a violência (...). Procurou pensar se era possível uma sociologia da violência e em que medida. Assim, buscou trabalhar a relação objetividade/subjetividade da violência, visando a avançar teoricamente em suas reflexões. Desse seu movimento teórico e epistemológico inicia uma reflexão refinada e inovadora para pensar a violência a partir das representações sociais...” (7)

Para conhecer mais de Maria Stela Grossi, confira a entrevista e a nota biográfica salientadas abaixo:

<https://cpdoc.fgv.br/entrevistados/maria-stela-grossi?pesquisa-conhecimento=266>

<https://sbsociologia.com.br/project/maria-stela-grossi-porto/>

Maria Stela Grossi em um conceito... Representações Sociais da Violência

Em seu trabalho sociológico, Maria Stela Grossi dedicou especial atenção a maneira como o fenômeno da violência manifestava-se também por meio das representações sociais. Mas, o que são representações sociais? Amparada nos debates da Psicologia Social, a socióloga mineira entende representações sociais como “blocos de sentidos presentes nos conteúdos dos discursos e das narrativas dos sujeitos (individuais ou coletivos) a orientar-lhes a conduta” (8), de tal forma que o conceito dá conta também daquilo que chamamos de senso comum. Assim, pesquisar as Representações Sociais da Violência significa estudar os “sentidos empíricos [da violência], formulados pelo senso comum, permeados por julgamentos de valor e efeitos de hierarquização” (8).

(7) Fonte: Ana Sallas, “Bionota de Maria Stella Grossi Porto”, 2023, Disponível em:

<https://sbsociologia.com.br/project/maria-stela-grossi-porto/>

(8) Fonte: Maria Stela Grossi “A violência, entre práticas e representações sociais: uma trajetória de pesquisa” 2015.

Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/KJ8GVRNbaDKSCcSX5sBztXh/?format=pdf&lang=pt>



Natural da cidade do Rio de Janeiro, Paulo Sérgio Pinheiro nasceu em 1944 e tornou-se um intelectual muito prestigiado e com notável projeção internacional. Graduou-se em Direito pela PUC-Rio e realizou doutorado em estudos políticos na Universidade Paris 1. Mais do que um cientista político, Paulo Sérgio Pinheiro atuou amplamente em organizações internacionais e já foi ministro de estado. Ponto de destaque em seu legado é ter fundado, junto com o sociólogo Sérgio França Adorno de Abreu, o Núcleo de Estudos da Violência - que é, até hoje, um centro de pesquisa de referência sobre a questão da violência. Que tal conferir a seguinte entrevista para conhecer mais de Paulo Sérgio Pinheiro? <https://www.revistas.usp.br/ts/article/view/187081/178243>

Paulo Sérgio Pinheiro em um conceito... Autoritarismo Socialmente Implantado

O conceito de Autoritarismo Socialmente Implantado foi elaborado a partir da própria história do Brasil, buscando entender como a violência e o autoritarismo do Estado estava balizado na própria sociedade. A questão que motivou a elaboração desse conceito foi como, mesmo com o fim da ditadura militar e com a redemocratização, a sociedade brasileira seguia violenta e marcada por formas de autoritarismo. Assim, para Paulo Sérgio Pinheiro, a sociedade brasileira possui uma característica que alimenta o autoritarismo mesmo em períodos que não sejam marcados por um governo autoritário - como foi o da ditadura militar. E isso está assentado, de acordo com o intelectual carioca, em três pilares: "o racismo, a violência estatal e a desigualdade, juntos, são arcos de abóbada que sustentam o autoritarismo socialmente implantado, que perdura no machismo, no anti-feminismo, na homofobia, na violência sexual contra as crianças" (9)

Em síntese...

Todas essas histórias nos mostram que a produção do conhecimento nas ciências sociais está muito relacionada a uma dedicação e a um estudo de anos, por meio do qual se vai apurando e refinando a compreensão teórica sobre a questão social de interesse e as técnicas de pesquisa adequadas para investigar tal fenômeno. A trajetória de Kabengele Munanga, por exemplo, é especialmente interessante, pois revela com nitidez como que a trajetória de vida de um pesquisador, de um cientista, de um intelectual ganha seus contornos não de maneira independente e apartada das questões e problemas sociais e políticos na realidade, mas em relação a essas coisas. Em entrevista (10), Kabengele diz que escolheu fazer antropologia justamente porque queria enfrentar o caráter colonialista e preconceituoso associado à disciplina naquela época. Assim, é muito interessante ver como Kabengele Munanga apropriou-se - a partir do seu contato com a antropologia brasileira - de conhecimentos antropológicos não somente para produzir conhecimentos relevantes na área de estudos da África e das relações raciais, mas também para construir uma luta contra o racismo, o preconceito e a discriminação. Isso nos ajuda a lembrar que, apesar de ser importante que cientistas sociais não imponham seus valores políticos e suas posições ideológicas sobre os fenômenos sociais, culturais e políticos que estudam, seria tolice acreditar que a ciência e que os cientistas são completamente neutros e despojados de posicionamentos e preocupações políticas. O mesmo pode ser dito de Paulo Sérgio Pinheiro, que dedicou sua vida não apenas a estudar questões sociais e políticas, mas teve, efetivamente, uma atuação política importante na defesa dos direitos humanos.

(9) Fonte: Marcos Alvarez et al. "Revisitando a noção de autoritarismo socialmente implantado: entrevista com Paulo Sérgio Pinheiro" 2021. Disponível em: www.revistas.usp.br/ts/article/view/187081

(10) Confira o perfil de Kabengele Munanga produzido pela FFLCH/USP em <https://www.youtube.com/watch?v=wb3MjURXOZY>

Fazendo e Aprendendo

Exercício 3 - Projeto Final: Cientistas Sociais no Brasil em Cartaz

Durante as aulas, pudemos discutir largamente sobre a produção do conhecimento nas ciências sociais e o que significa tornar-se cientista social. Para aprofundarmos nossos estudos sobre essa temática, que tal tratarmos de célebres cientistas sociais do Brasil? Assim, ao lançarmos foco sobre os caminhos de vida de importantes cientistas sociais, poderemos compreender melhor o que significa construir uma trajetória na pesquisa e como a produção do conhecimento se apresenta na vida das pessoas envolvidas com o universo das ciências sociais no Brasil.

- 1) O/a docente dividirá a sala em seis grupos e sorteará, para cada um deles, uma das áreas das Ciências Sociais (Antropologia, Sociologia ou Ciência Política), de tal forma que haja dois grupos para cada área.
- 2) Em seguida, o/a docente apresentará para os/as estudantes o projeto de entrevistas "Memória das Ciências Sociais no Brasil".

Agora, é com os grupos!

- 3) Acessem o portal do projeto "Memória das Ciências Sociais no Brasil" realizado pela Fundação Getúlio Vargas, em que é possível acessar várias entrevistas com cientistas sociais de destaque: <https://cpdoc.fgv.br/cientistassociais/brasil/entrevistas>.
- 4) Com base na área que foi sorteada para o grupo, selecionem dois/uas antropólogos/as, sociólogos/as ou cientistas políticos/as entrevistados/as, assistam as entrevistas e discutam com colegas e professor/a.
- 5) Por fim, partindo das informações das entrevistas e das discussões realizadas, produzam, em grupo, um cartaz acerca dos dois cientistas sociais selecionados para apresentar para a turma: quem foram os/as cientistas sociais selecionados? O que chamou mais a atenção na trajetória dessas pessoas? O que pesquisam? O que é possível dizer sobre as trajetórias de pesquisa que as pessoas selecionadas construíram? o que essas trajetórias têm de comum? E de diferente? Tentem apresentar essas questões de maneira sintética no cartaz - mas não se esqueçam de realizar uma apresentação oral instigante e informativa!



fflch SOCIOLOGIA

FACULDADE DE FILOSOFIA,
LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA